

LUCRECIA BÓRGIA E FERDINAND GREGOROVIVUS: UMA INTERRELAÇÃO EM LINHAS

LUCREZIA BORGIA AND FERDINAND GREGOROVIVUS: AN INTERRELATIONSHIP IN LINES

Jéssika Hingridi Rodrigues Vieira

Mestranda em História pela UFMT

E-mail: jhingridi@gmail.com

RESUMO

Papa Alexandre VI, para muitos historiadores é tido como último papa medieval, encarnou o estereótipo da desregra espiritual. Desde seu tempo (século XVI) até os dias de hoje, a família Bórgia é símbolo de polêmica religiosa. Ferdinand Gregorovivus, historiador protestante alemão, é um dos responsáveis pela perpetuação dessa *má reputação* do sangue Bórgia. Gregorovivus escreveu uma biografia sobre Lucrecia Bórgia (1874), filha de Alexandre VI e transfigurou nela, muito do que considerava marcas de reconhecimento social burguês. Nesta obra, o autor operou a junção de elementos literários e historiográficos, unidos pelos valores estéticos oitocentistas. O objetivo deste texto é provocar uma definição do conceito de Romance e de burguesia através desse teórico, ao mesmo tempo em que o inserimos como um produtor dessa categoria literária e expoente da classe burguesa.

PALAVRAS-CHAVES: Lucrecia Bórgia; burguesia; romantismo; Ferdinand Gregorovivus.

ABSTRACT

Pope Alexander VI, for many historians is considered late medieval pope, embodied the stereotype of spiritual desregra. Since his time (XVI century) to the present day, the Borgia family is a symbol of religious controversy. Ferdinand Gregorovivus, German Protestant historian, is one of those responsible for the perpetuation of that disreputable the Borgia blood. Gregorovivus wrote a biography of Lucrecia Borgia (1874), daughter of Alexander VI and transfigured it, much of what he considered trademarks of bourgeois social recognition. In this work, the author operated a joint literary and historiographical elements, united by nineteenth-century aesthetic values. The purpose of this paper is to provoke a definition of romance and bourgeoisie through this theoretical, while the insert as a producer of this literary category and exponent of the bourgeois class.

KEYWORDS: Lucrezia Borgia; bourgeoisie; romanticism; Ferdinand Gregorovivus.

Revista Outras Fronteiras, Cuiabá, vol. 2, n. 1, jan/ago., 2015 ISSN: 2318-5503

O romance não começa a existir quando nasce por obra de um indivíduo; só existe realmente quando é adotado pelos outros e passa a fazer parte da vida social, quando se torna, graças à leitura, experiência compartilhada.

Losso, 2009.

Existe algum mortal sensível e curioso que nunca tenha passado horas dentro de uma livraria, seja ela física ou virtual, folheando por horas vários livros, endoidecidos pelo desejo de levar para a cabeceira de sua cama mais de um título clássico - ou não - de romances, livros de poemas e ensaios literários? Conheço vários desses amantes da leitura, viajantes de sofá, passeadores de escrivaninha. Eu cresci ao lado de vários destes. Não sou a única, muito menos a última a ter uma infância e adolescência entrelaçada às linhas desse tipo de leitura.

Esse costume é antigo, uns dizem ter sido inaugurado com Robson Crusóé, outros insistem tomar Dom Quixote como seu precursor. Certo é que o gênero romance surge na Idade Moderna, especificamente no século XVIII. E desde aquela época, tem servido como uma literatura “que se pode prescindir, um entretenimento, seguramente elevado e útil para cultivar a sensibilidade e as boas maneiras”¹.

Como lembra Mario Lossa, a literatura sempre foi e sempre será - diferentemente da ciência, por exemplo -, um dos denominadores comuns mais valiosos da experiência humana, pois é graças a ela que “os seres vivos se reconhecem e dialogam, independentemente de quão distintas sejam suas ocupações e seus desígnios vitais, as geografias, as circunstâncias em que se encontram e as conjunturas históricas que lhe determinam o horizonte”.²

Além de encontrar um infinito número de romances numa livraria podemos nos surpreender ainda com o expressivo amontoado de títulos que possuem a pretensão ora de explicar, ora de ampliar o conceito do gênero *Romance*. São livros teóricos que nos apresentam as entrelinhas dos romances ao mesmo tempo em que discutem suas implicações sociais, culturais, políticas e econômicas. Prova de que até os dias de hoje,

¹ LLOSA, Mario Vargas. É POSSIVEL PENSAR O MUNDO MODERNO SEM ROMANCE? IN: MORETTI, Franco (org) *O romance: a cultura do romance* – Vol. I. São Paulo: Editora Cosac Naify, 2009, p, 19.

² *Ibidem*, p. 21.

críticos literários de varias partes do mundo, ainda estão interessados em discutir melhor o conceito de Romance.

O objetivo desse texto é o de provocar uma definição do conceito de *Romance* e de *Burguesia* através de teóricos que se debruçaram sobre essas questões ainda tão latentes. Ao mesmo tempo destacaremos um exemplar desses dois conceitos: Ferdinand Gregorovius. Gregorovius historiador e literato pode ser exemplificado aqui tanto como burguês, como produtor de uma cultura romanesca alemã. Nesse texto analisaremos somente uma de suas obras: a biografia de Lucrecia Bórgia escrita em 1874. Exponente da classe burguesa, Gregorovius exprimiu em seus textos sua própria forma de ver o mundo, seus anseios e expectativas. Alemão de berço e italiano de coração transmitiu os desconfortos, inquietações e aflições de um século em revoluções. O anseio nacionalista corria em suas veias e transpirava sob formas de ideias e opiniões ácidas.

Para não permanecermos com *meias palavras*, traçamos por hora uma definição do gênero *Romance* como um amplo movimento literário, vasto e complexo, que se dissolveu nos extratos culturais, políticos e sociais em várias partes do globo. Karin Volobuef ao definir romantismo, o diz ser defensor da liberação dos “sentimentos, das aspirações pessoais, das tendências específicas de cada subjetividade contra a imposição de desígnios supra-individuais”. Ainda, o “é movimento crítico, rebelde, inquisitivo, revelador”. Para Karin, em suas linhas, “houve as lágrimas, mas também o grito por justiça; houve o gesto retrógrado, mas também a diligencia inovadora; houve o espírito voltado para o passado, mas também o olhar em busca do futuro”³.

Como diria Allan Vaillant, crítico literário francês, “o romantismo não é nada mais do que o vasto movimento cultural que acompanha, principalmente nos séculos XVIII e XIX, a progressão irreprimível da burguesia e das classes médias, questionando as prerrogativas da aristocracia tradicional”⁴.

Da mesma forma, Vaillant pensa a caracterização do Romance ora de forma ampla e complexa, ora de maneira interligada e homogênea. Dessa maneira, mesmo tendo o romantismo existido em países como a Alemanha, a França, a Inglaterra, a Itália, a Rússia, a América Latina e em outras nações, cada local, - sendo terras européias ou além-mar -,

³ VOLOBUEF, Karin. Frestas e Arestas: a prosa de ficção do Romantismo na Alemanha e no Brasil. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999, p. 12.

⁴ VAILLANT, Alain; V. A. Mundialização, entre nacionalismo e mundialização. *Olho dgua*, São José do Rio Preto, 5(2): 1: 263, p. 79-90, jul./dez. 2003.

condicionados por sua cultura e ideologia particular produziram o seu próprio modo Romanesco.

Para Vaillant seria ingenuidade caracterizarmos os distanciamentos entre o Romantismo(s) apenas pela carga subjetiva e pessoal dos seus escritores. Ele o diferencia também a partir de suas formas específicas, elencando como principal elemento de diferenciação, a experiência de nacionalismo e reivindicações democráticas em cada um dos territórios mencionados. Sendo assim, “o romantismo corresponde ao período que, para cada país europeu ou sob influência europeia, se estendeu da emergência das primeiras aspirações políticas nacionais ao estabelecimento de uma democracia parlamentar”. Todo o *romântico* carrega em suas linhas influências de sua época e de todas as “atividades culturais, artísticas, intelectuais e literárias que se desenvolveram durante esse período de transição”⁵.

Percebemos assim, que Romance é um termo mutante, metamorfo. De acordo com o movimento humano se transforma e se torna objeto histórico, compreendido e explicado a partir do espírito da época em que esta sendo produzido. Ou seja, cada época produz o seu tipo Romanesco e justamente por isso, não podemos dissociá-lo jamais do contexto e dos seus agentes históricos.

Certo é: o Romance é um dos maiores símbolos da sensibilidade humana. E surgiu junto com a classe mais famosa do século XIX, a burguesia. Assim como Romance, a burguesia também estava longe de ser coesa e homogênea. Como ressalta Peter Gay: “A burguesia era ao mesmo tempo uma só coisa e muitas coisas”. As divisões aconteciam em todas as nações. “os alemães tinham sua *Grossburgertum* e *Kleinburgertum*, os franceses a *grande*, a *bonne*, e a *petite bourgeoisie*”. Mais adiante a subdividiram de forma ainda mais específica “os alemães faziam distinção entre a burguesia dos proprietários e a dos instruídos – *Besitzburgertum* e *Bildungsburgertum*”. Já na França, “o epíteto *l’aristocratie financière* homenageava o peso político dos banqueiros, numa mescla de ciúme e desdém, assim como fazia o termo *Geldaristokratie* para denominar os aristocratas endinheirados da Alemanha”. Havia ainda aqueles burgueses que se concentravam na parte mais numerosa da pirâmide, sua ingrata base: o exercito de

⁵VAILLANT, Alain; V. A. Mundialização, entre nacionalismo e mundialização. *Olho dgua*, São José do Rio Preto, 5(2): 1: 263, p. 79-90, jul./dez. 2003.

funcionários remunerados “que formavam o segmento mais baixo da *Burgertum*, [foram apelidados] de *Stehkragenproletarier*, ou proletários de colarinho branco”⁶.

Todas essas terminologias específicas eram necessárias para uma caracterização precisa da sociedade oitocentista. E a escrita romanesca pode servir de unguento unificador desse emaranhado de indivíduos sociais emergentes. Sendo assim, a “panela encontrou a sua tampa”, e o gênero literário Romance se encaixou plenamente nos braços da burguesia.

Mesmo possuindo uma frágil unidade, a burguesia - ou *burguesias* - possuía em suas veias alguns elementos que a distinguiu dos demais grupos. Há aqueles que a diferenciam a partir de característica de ordem política e econômica, a qual o marxismo não se cansou de bradar a alto e bom som, desde Karl Marx e Friedrich Engels. Havia várias ‘bandeiras’ reivindicando benefícios específicos, diversas tendências importantes eram representadas por aqueles reformadores europeus de classe média: liberalismo, radicalismo, nacionalismo e socialismo⁷.

Devemos pensar os grupos burgueses a partir de uma escala piramidal, porém numa disposição mais elástica: com uma base larga, uma subida íngreme e um topo estreito⁸. Peter Gay salienta que são várias as diferenças dentro desse grupo: os “Interesses econômicos, agendas religiosas, convicções intelectuais, competição social e o devido lugar das mulheres tornaram-se temas políticos pelos quais burgueses enfrentavam burgueses”⁹. Por isso não poderemos caracterizar os vitorianos de forma genérica. Pensar que as burguesias inglesa, francesa, alemã, e outras se correlacionavam, pois, sua relação é muito mais complexa.

Aqueles embalados pelo liberalismo, por exemplo, apelavam para a proteção dos direitos privados ao mesmo tempo em que corriam em busca do excessivo lucro. Este último, seguindo uma lógica maquiavélica, esteve acompanhado muitas vezes de pouco escrúpulo para conquistar o poder e principalmente, de se manter nele.

Porém, não existe grupo social formado apenas por seus predicados econômicos e políticos – mesmo muitos teóricos insistindo o contrário. A burguesia é muito mais do que dinheiro e poder, ela também constrói o seu arquétipo – por vezes flexível a depender

⁶ GAY, Peter. O século de Schnitzler: a formação da cultura da classe média: 1815-1914. São Paulo: Companhia das letras, 2002, p.28.

⁷ GABRIEL, Mary. Amor e Capital: a saga familiar de Karl Marx e a história de uma revolução. Rio de Janeiro: Zahar, 2013, p.91.

⁸ GAY, Peter. O século de Schnitzler: a formação da cultura da classe média: 1815-1914. São Paulo: Companhia das letras, 2002, p.46.

⁹ Ibidem, p.27.

do tempo e do espaço – cultural. Seus membros possuem sensibilidades, emoções, desejos, costumes, tradições, adestramentos sociais, comportamentos socialmente construídos que a diferenciam claramente dos demais extratos coletivos.

Num lar burguês não passam despercebidos características de caráter privado, advinda de uma complexa estrutura familiar. No sofá se senta o modelo burguês de relação entre o *publico* e o *privado*. Caminha pelos quartos, a *intimidade* burguesa que imprime sua marca em cada canto da casa. Passeia pela sala e escritório a busca sempre inerente de *individualidade* presente em cada gesto. Sua *mentalidade e comportamento* marcham a passos firmes ante nossos olhos, ressaltando a todo o momento sua abstrusa estrutura.

Os burgueses sempre foram grandes leitores. E apesar de suas específicas diferenças, quando lêem Miguel Cervantes, William Shakespeare, Fiodor Dostoievski, Honoré de Balzac, os leitores se sentem membros de uma mesma espécie. Nas letras existe um compartilhamento comum. Um partilhando a partir dessas leituras de anseios universais. A leitura é um dos elementos que os uni para além do amplo leque de diferenças que os separavam.

Como um bom Francês, Vaillant salienta a singularidade dos seus conterrâneos ao ressuscitar Michelet. Michelet é para o autor a chave de diferenciação entre o romantismo francês e do resto do mundo, frisando que o povo francês não poderia ser lido através de folclores, mitos e costumes, mas sim, pelo movimento histórico de suas experiências, ou seja, pelo seu sentimento revolucionário. Para ele, é nessa experiência única que “reside talvez, o que é para se pensar, a principal diferença entre o romantismo francês e seus homólogos europeus”¹⁰.

Mesmo de forma geral, privando pela “defesa da individualidade e da inspiração, pelo apreço à natureza e peculiaridade especificamente nacionais, pela oposição a dogmas e cânones preestabelecidos, ele teve disseminação internacional, mas floresceu conforme o solo que o acolheu”¹¹. Deste modo, tanto o francês Allan Vaillant, quanto o nosso conterrâneo Antonio Candido insistem no atraso do romantismo brasileiro. Pois, enquanto a sociedade não vive um ambiente real de transformação, as suas expressões artísticas e sensíveis não podem se modificar.

¹⁰ VAILLANT, Alain; V. A. Mundialização, entre nacionalismo e mundialização. *Olho d'água*, São José do Rio Preto, 5(2): 1: 263, p. 79-90, jul./dez. 2003.

¹¹ VOLOBUEF, Karin. *Frestas e Arestas: a prosa de ficção do Romantismo na Alemanha e no Brasil*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999, p. 29.

Vaillant justifica o atraso do movimento romântico na América Latina¹² pela permanência ainda de uma estrutura social tradicional. Cândido não se intimida em ressaltar os atrasos de sua terra natal. Para ele a culpa é da coroa portuguesa, que sempre manteve sua promissora colônia envolvida em atrasos sociais. Cândido lembra que já no século XVIII, ainda “não havia universidade, nem tipografias e nem periódicos” no Brasil. A educação dos brasileiros era baseada unicamente na formação religiosa. As poucas bibliotecas que haviam eram “limitadas aos conventos, o teatro era paupérrimo (...) difícilíssima a entrada de livros”¹³.

Com a vinda da coroa ao Brasil, as coisas mudam, mas, muito pouco. Iniciaram uma *ruptura dos costumes arcaicos*¹⁴, que mesmo tímida provocaram algumas mudanças importantes. Nesse momento “foram permitidas as tipografias e imprimiram-se os primeiros livros, criou-se uma importante biblioteca pública, foi possível importar obras estrangeiras, abriram-se cursos e foram fundadas algumas escolas superiores”¹⁵. Os brasileiros puderam ainda receber os primeiros jornais brasileiros do Correio Brasiliense, que naquela época ainda era publicado em Londres.

Diferente da França que já expressava com muito afoito os resultados de uma França pioneira revolucionária, o Brasil se via ainda muito mais enfeitiçado pelos escritos clássicos, “todos continuavam a fazer odes, cantos épicos, sonetos, elegias, em versificação tradicional e quase sempre com as alusões mitológicas de preceito”¹⁶. A busca pelo classicismo estava muito presente nos escritores brasileiros¹⁷. Entretanto, Cândido insiste que as mudanças eram poucas e vinham muito lentamente.

Balzac com prazer também escrevia a alma dos seus contemporâneos. Mesmo sendo censurado como um mau repórter soube retratar as condições da vida urbana parisiense – e também a vida rural - em seus aspectos mais detalhados. Mostrou até o que

¹² Na América latina, foram as ondas de choque provocada pela guerra da Espanha em 1808 e pelo abalo das monarquias espanhola e portuguesa que dá início ao processo de independência das antigas colônias e, para muitas delas, indo em direção à república — mas também, em vários casos, a décadas de instabilidade e guerra civil.

¹³ CANDIDO, Antonio. O romantismo no Brasil. São Paulo: Humanitas/FFLCH, 2002.

¹⁴ Ibidem, 24.

¹⁵ Ibidem, 24.

¹⁶ CANDIDO, Antonio. O romantismo no Brasil. São Paulo: Humanitas/FFLCH, 2002.

¹⁷ Talvez os brasileiros não estivessem totalmente dispersos da cultura burguesa mundial. Essa volta aos clássicos, por exemplo, me faz lembrar a forte influência que o retorno da cultura helenística trouxe ao mundo ocidental. A Europa durante boa parte do século XIX se mostrou envolvida em constantes revoluções com objetivos econômicos e políticos. A volta aos clássicos promovia justificativas filosóficas e históricas pela busca do sentimento de pertencimento e nacionalismo muito presente nos Gregos - vale lembrar que a Grécia em 1821 havia acabado de conquistar sua independência sobre os otomanos. Pode exemplificar também a importância dada à busca do conhecimento e do autoconhecimento de si, teoria muito presente nos escritos de Goethe,

ninguém queria ver. Como um historiador, estudou e retratou as sensibilidades e os movimentos sociais de uma maneira peculiar. Um escritor que atribuía a si, engajamento social. Afirmou no prefácio¹⁸ da obra de sua vida – A comédia Humana – lutar em prol da verdade na ficção. Afirmou no seu Prefácio à *Comédia Humana* que o *Romance*, “nada seria se nessa Augusta mentira, não fosse verdadeiro nos pormenores”.

Escritores românticos estavam em sintonia com a sensibilidade moderna. A busca de si, a busca do seu próprio destino. Visto que agora os indivíduos não mais possuíam conformismo perante a realidade, depositando total confiança no seu destino, como faziam outrora os homens das grandes epopéias clássicas. O mundo burguês vive em constante revolução, reajuste e movimento, é uma época farta de perguntas e carente de respostas. Deus os abandonou¹⁹. Já o épico está preocupado muito menos com si e muito mais com a comunidade. Pois o seu destino já fora traçado pelos deuses. “O grego conhece somente respostas, mas nenhuma pergunta; somente soluções (mesmo que enigmáticas), mas nenhum enigma; somente formas, mas nenhum caos”²⁰.

Pensando em burguesia, me vem à mente uma de suas características mais notadas, a Individualidade. Vaillant define que traços da cultura romântica são fortemente revelados pela busca da individualização, que por sua vez se encontram presentes também nas práticas artísticas da burguesia. Uma individualidade que marca a diferenciação de expressão cultural entre burgueses e aristocratas - que por sua vez são lembrados pela prática de rituais coletivos e não individuais²¹.

Peter Gay concorda com o francês, e descreve os burgueses como um grupo marcado por uma psicologia singular, definida pela necessidade de se diferenciar da aristocracia e muito mais da classe operária²². O livro é o principal símbolo de individualidade e privacidade burguesa, “impondo a subjetividade ativa do leitor”²³. O

¹⁸ SENA, José Eduardo Botelho de. DE PREFÁCIOS E PRÓLOGOS: BALZAC E ALENCAR. IN, Itinerários, Araraquara, n. 31, p.123-130, jul./dez. 2010.

¹⁹ Onde está Deus neste mundo de profundas incertezas? O abandono divino é uma das expressões mais recorrentes da ideologia burguesa. Junto com a ironia, retrata a crise interior do homem burguês, pois confronta o imaginário religioso à realidade cotidiana burguesa.

²⁰ LUKÁCS, Georg. A teoria do romance. São Paulo: Ed. 34, 2009.

²¹ VAILLANT, Alain; V. A. Mundialização, entre nacionalismo e mundialização. *Olho d'gua*, São José do Rio Preto, 5(2): 1: 263, p. 79-90, jul./dez. 2003.

²² No século XIX época de grandes mutações sociais, econômicas, políticas, ideológicas e culturais ocorridas através dos resquícios da Revolução Francesa e ainda mais pela Revolução Industrial, tais pressões resultaram na acentuação de um estado emocional recorrente na literatura: nervosismo e ansiedade burguesa são resultados das intensas mudanças sociais e culturais que insistiam em transformar o seu mundo.

²³ VAILLANT, Alain; V. A. Mundialização, entre nacionalismo e mundialização. *Olho d'gua*, São José do Rio Preto, 5(2): 1: 263, p. 79-90, jul./dez. 2003.

ato de ler fazia parte da rotina das pessoas. Havia ambientes de leituras: clubes de debates específicos para o estudo ou deleite de saborosas paginas romanceadas. Os eruditos se reuniam. As senhoras burguesas se amontoavam em seus quintais e em seus clubes. José de Alencar conta um episódio importante de sua infância, tendo a pratica da leitura como principal protagonista:

Lia-se até na hora do chá, e tópicos havia tão interessantes que eu era obrigado à repetição. Compensavam esse excesso, as pausas para dar lugar às expansões do auditório, o qual desfazia-se em recriminações contra algum mau personagem, ou acompanhava de seus votos e simpatias o herói perseguido. Uma noite, daquelas em que eu estava mais possuído do livro, lia com expressão uma das páginas mais comoventes da nossa biblioteca. As senhoras, de cabeça baixa, levavam o lenço ao rosto, e poucos momentos depois não puderam conter os soluços que rompiam-lhes o seio²⁴.

De qualquer forma, a leitura, tendo o gênero Romance como pano de fundo traduziu o sentimento de privacidade e individualidade burguesa. Watt defende que o “Romance é a forma literária que reflete mais plenamente essa reorientação individualista e inovadora²⁵. O Romantismo é a pura expressão da realidade burguesa, em suas diversas formas, contextos e lugares.

Ferdinand Gregorovius, historiador e literato do século XIX, é para nós um produto que elenca a caracterização *burguesa e romântica*. Escreveu tese, romance, poemas, folhetins, diários, artigos e biografias. Como um cidadão de mundo, viveu cercado pelas letras e realizou para e a partir dela, varias viagens pela Europa. Como um bom burguês, imprimiu em seus escritos seu alto teor de zelo comportamental.

Fora testemunha ocular dos frenesis nacionalistas da Europa Oitocentista. Nasceu e cresceu sob os burburinhos da unificação tardia alemã e italiana, enquanto observava um bombardeio de independências – por exemplo, a independência da Grécia sobre os otomanos. Enquanto sua mãe o gerava, a Europa era sacudida pelos resultados do Congresso de Viena, que ocorrera alguns anos antes. Depois da derrota de Napoleão em Waterloo, a Europa se viu envolvida num amplo movimento de Restauração. Trata-se essencialmente da Restauração do Antigo Regime, de caráter pró-monárquico ocorrido em 1815.

Nesse texto, a obra de Gregorovius que mais nos interessa, é a biografia de Lucrecia Bórgia, filha do Papa Alexandre VI. O papa Bórgia (1492-1503) é nomeado por muitos

²⁴ ALENCAR, José de. Como e porque sou romancista. Campinas, São Paulo: Pontes, 1990.

²⁵ WATT, Ian. A ascensão do romance: estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

historiadores como o último papa medieval. Alexandre viveu numa época de transição entre o fim da Idade Média (século XVI) e o início da Idade Moderna, no ápice do Renascimento científico e cultural europeu. Eram tempos turbulentos para a Igreja Católica e o papa não era um espectador passivo, soube muito bem administrar seu *reino* como um soberano secular.

Alexandre VI não economizou estratégias maquiavélicas. Sua vida é marcada por polêmicas: corrupção, nepotismo, e luxúria, são algumas de suas práticas listadas pelo historiador Ferdinand Gregorovius. Em 1493 Alexandre VI minutou sua primeira bula, intitulada *Inter Caetera*, dividindo os continentes recém descobertos entre as potências marítimas Espanha e Portugal. O papa também foi um homem preocupado com a erudição artística. Aspirando ares renascentistas dedicou-se também a promover as artes e a embelezar a cidade de Roma.

Gregorovius já havia escrito muito sobre Alexandre VI e seus filhos homens, mas ainda não havia se debruçado o suficiente à menina, Lucrecia. Gregorovius estava “fascinado por ela”, sua personalidade parecia ainda obscura e misteriosa, “cheia de contradições ainda indecifradas”²⁶. Essa é inclusive uma das justificativas que o autor usa para mostrar o *porquê* de escrever uma biografia sobre a filha do papa. Lucrecia era uma mulher do seu tempo, viveu sob as regras morais e éticas permitidas pelos seus contemporâneos. Era uma menina muito atraente e instruída, segundo Bayard ela falava espanhol, grego, italiano e francês, e um pouco de latim, muito corretamente, e escrevia e compunha poemas em todas essas línguas²⁷. Suas habilidades pareciam não se diferenciar da maioria das mulheres renascentistas, mas “sua educação foi considerada completa”²⁸.

Conhecida como uma das damas mais polêmicas do Renascimento, Lucrecia, simboliza uma clara deturpação da pureza feminina. Seu pai e – principalmente seu irmão, Cesar Bórgia, manchou a até então mácula alma da pobre moça, com seus desejos demoníacos puramente mundanos de prestígio, conquista e permanência no poder secular. Essa é a opinião de Gregorovius. Em todo o seu texto deixa sinais claros de que a macula na alma de Lucrecia e seus comportamentos imorais só existiram porque a moça nasceu e cresceu num ambiente totalmente deturpado e pecaminoso.

²⁶ GREGOROVIS, Ferdinand. *Lucretia Borgia*. New York: Appleton, 1903, p.31

²⁷ *Ibidem*, p. 31.

²⁸ *Ibidem*, p. 31.

Gregorovius escreveu um texto saboroso e nós acreditamos que sua obra não deve ser caracterizada somente como um texto biográfico. Pensamos que a biografia de Lucrecia escrita por Gregorovius pertence a dois mundos teóricos: historiográfico e literário. Entretanto, se Gregorovius pudesse ouvir agora essa nossa *classificação*, poderia ficar profundamente nervoso. Pois, o autor em seu prefácio faz questão de salientar a cientificidade do seu texto. Diz possuir método, escolhas, análise de fontes, discussão bibliográfica, ou seja, mostra que no seu processo de escrita, não deixou de utilizar várias ferramentas obrigatórias no ofício de qualquer historiador de sua época.

Gregorovius como típico historiador historicista mostrava a sua preocupação em ser reconhecido pela cientificidade²⁹ do seu texto: “Eu desejava descobrir que tipo de personalidade seria descoberta em Lucrecia Bórgia, mas de uma forma totalmente diferente daqueles que tinham sido até agora examinados, mas ao mesmo tempo cientificamente, e em conformidade com os documentos originais”³⁰.

Ferdinand Gregorovius projetou em suas linhas a Alemanha do seu tempo. Foi um cidadão europeu movido pelas questões políticas e sociais. Objetivava contribuir enquanto crítico e produtor de conhecimento histórico. Para tanto, encontrou na figura de Lucrecia Bórgia um perfeito gancho, que lhe permitia falar de forma crítica e irônica sobre religião, moral, ética e pudor. Qualquer indivíduo quando escreve, sendo historiador ou não, acaba de uma forma ou outra imprimindo o seu modo de ver o mundo.

Utiliza a Lucrecia como modelo social às meninas do seu século, como deveriam ou não se comportar. Em momentos sua paixão ao tradicional falava mais forte, como quando falava nostalgicamente da educação renascentista, que ele considerava perfeitamente completa, ao contrário da educação superficial de suas contemporâneas: “educação da mulher Renascentista era baseada na Antiguidade Clássica (...) elas tinham, portanto, uma educação erudita”. Diferente da educação feminina do século XIX que se mostrava superficial se comparado as suas irmãs do renascimento³¹.

Saudoso quanto à educação renascentista Gregorovius diz que a educação de sua época – “mesmo na escola alemã, que é famosa por suas escolas, - não possui um fundamento sólido, geralmente é superficial e não tem valor real”. Essa superficialidade

²⁹ Percebemos que além de cientificidade, Gregorovius também utilizou estratégias de linguagem a fim de dar forma e unidade à narrativa criada. Sabemos que no trabalho como historiador acabamos não escapando do uso de artifícios literários para que consigamos preencher as lacunas históricas. Lacunas muitas vezes presentes pela falta de vestígios e registros históricos.

³⁰ GREGOROVIS, Ferdinand. Lucretia Borgia. New York: Appleton, 1903, p. XXI.

³¹ GREGOROVIS, Ferdinand. Lucretia Borgia. New York: Appleton, 1903, p. 26.

se dá ao fato de aprenderem limitadamente “apenas duas línguas modernas e aprender a tocar piano, a qual um excessivo tempo é dedicado”³².

Nas disciplinas musicais, Gregorovius desaprova totalmente o uso do piano, pois prefere a delicadeza do alaúde, instrumento tocado pelas nobres renascentistas. Segundo ele a vantagem do alaúde era a de que “nas mãos da senhora que o tocava, apresentava uma agradável imagem aos olhos, ao passo que o piano é somente uma máquina que força o homem ou a mulher a tocá-lo através de movimentos sempre desagradáveis e muitas vezes ridículos”³³.

As mulheres estudavam para saber entreter. “*Os estudos foram perseguidos com o propósito de aperfeiçoar e embelezar a personalidade*”. Naquele tempo, Gregorovius reclama que “*em um círculo de pessoas dotadas e distintas, para que uma conversa continuasse graciosa e inteligente, introduziam os antigos clássicos ou outros recursos para uma discussão mais afiada*”³⁴. Enquanto que nas reuniões burguesas do século XIX “*as conversas eram tão monótono que para preencher o vazio se fazia necessário tocar piano*”. Para Gregorovius aquelas reuniões celebradas no Renascimento eram verdadeiros exemplos de “*refinadas relações sociais*”, muito diferentes do mundo burguês pascácio que estava acostumado a ver no seu dia-a-dia.

Ao mesmo tempo em que denunciava os adultérios da menina, colocando toda a culpa de sua perversidade no sangue Bórgia que corria em suas veias. Aquele *homem diabólico* manchou a honra de uma dama e acabou criando filhos igualmente perversos, corruptos e incoerentes. Alexandre VI não deixou dúvida a nenhum dos seus contemporâneos sobre sua relação com a mãe de seus quatro filhos, madame Vanozza. Menos ainda sobre a paternidade de Cesar, Giovane, Lucrecia e Jofre. Existem relatos – segundo Gregorovius – de outros filhos bastardos de Rodrigo.

Gregorovius deixa claro sua insatisfação com os caminhos que a Igreja Católica tomou nos braços do escandaloso espanhol. O papa também não se preocupou em esconder seu romance com a jovem Julia, escandalizando toda a Roma do seu tempo. Gregorovius fala com ironia destes atos de Alexandre, como se definitivamente fosse uma prática corriqueira, que de certa forma fora permitida pelos seus compatriotas.

Gregorovius não deixa de destacar no decorrer do seu texto sua essência nacionalista. Reclama que o estrangeiro catalão manchara os anos dourados de sua querida

³² Ibidem, p. 26.

³³ Ibidem, p. 26

³⁴ Ibidem, p. 31.

Itália, atrasando sua unificação e seu melhoramento social. Ao escrever os dois volumes da biografia sobre Lucrecia Bórgia, deixa claro essa família fez “*parte dos conquistadores da Itália, ganhando para si honras e poder e afetando profundamente o destino de toda a península*”³⁵. Os Bórgia simbolizavam o *inimigo externo* da unificação italiana.

A Alemanha precisava - depois de tanto custo – ser soberana em algo, para tanto escolhera a erudição. Se afirmava agora como uma grande nação germânica, e os seus pares teriam de reconhecê-la *Grande*. Gregorovius nascera nesse contexto histórico, herdou dos seus contemporâneos o manual vitoriano de se escrever e traduziu em suas entrelinhas sua paixão pela bela Itália Renascentista, ao passo que *ironicamente* denunciava a imoralidade dos detentores da coroa papal no tempo de glória católica. Ao mesmo tempo insistia em levar consigo a bandeira alemã. Gregorovius encarna o nacionalismo, altamente presente nas revoltas do século XIX. Mesmo amando a Itália e tida por ela como cidadão honorário, faz questão de salientar a impotência de Roma de lidar com suas questões políticas. Dominada por Pio IX, A Igreja Católica nunca fez questão de separar o poder temporal do poder político. Suas virtudes eram suficientes para cuidar do espírito e do material da Itália.

A Lucrecia de Gregorovius, como vimos, apresenta em suas linhas e – muito mais – em suas entrelinhas, várias características caras a burgueses alemães, italianos pertencentes ao mundo sacudido por revoltas, que foi o século XIX. Sua dama burguesa representa um herói degradado, um personagem que não se encaixa no seu mundo. Um inconstante, um externo. Da mesma forma os personagens miseráveis (Os miseráveis - Victor Hugo), condenados pela sociedade (Ana Karenina - Tolstoi), assassinos (Crime e Castigo - Dostoievski), exemplificam um mundo em contradição. A luta interna entre o que eu *pareço* e o que eu *devo* parecer.

Personagens destacados (indivíduo), que envolvidos pelo conjunto (sociedade) se contrastam com a moral e os bons costumes que a ideologia secular e religiosa os ensinou a obedecer. Um indivíduo degradado, em constante luta com seu meio. Sem paz. Ou ao menos com uma paz aparente, construída. A luta desses personagens em seus enredos romanescos expressão a ideologia burguesa e traduz um sentimento de uma classe.

Conclusão

³⁵ RUST, Leandro. *Mitos papais, política e imaginação na história*. Petrópolis: RJ: Vozes, 2015, p. 180.

A biografia de Lucrecia Bórgia, escrita por Ferdinand Gregorovius, classificada como *gênero híbrido*, por mesclar em sua escrita tanto elementos historiográficos quanto literários trás em suas linhas as marcas ideológicas de sua época, especificamente do século XIX. É, portanto, seguindo o raciocínio de Lukács, um retrato degradado. O herói romanesco degradado – ou em outras palavras *individuo problemático* - é o grande mediador dessa redução de valores autênticos da burguesia.

Assim a Lucrecia é a heroína problemática do historiador alemão. Lucrecia viveu em um ambiente movido por brigas entre clãs, assassinatos por poder e espaço, na opinião de Gregorovius, a menina “nasceu em um período terrível na historia do mundo. O papado se despia de sua santidade, a religião estava completamente material, e ilimitadamente imoralidade”³⁶. Aquela Itália do XVI mostrava sua face completamente *material* e tal como o século XIX, ambos caminhavam movidos pela ambição. *Sua* Lucrecia, não é puramente renascentista. Ela é um personagem que transfigura os desejos inconstantes, intensos e complexos da classe burguesa, na qual pertence Ferdinand Gregorovius.

São esses personagens que nós procuramos inconscientemente nas livrarias e sebos. Neles nós extraímos um sentimento de pertencimento social. São os heróis, anti-heróis, vilões, mocinhos e mocinhas quem retratam quem nós somos e o que estamos fazendo nesse mundo. Qual o sentido de nossas leituras? Qual o objetivo de conhecer o mundo de carona nos livros? Busca por conhecimento? Erudição? Entretenimento? Companhia? Talvez num primeiro momento pareça que sim. Mas se observamos mais atentamente chegaremos a outras conclusões.

³⁶ GREGOROVIS, Ferdinand. Lucretia Borgia. New York: Appleton, 1903.